

VINICIUS CHEIO DE GRAÇAS

A conferencista:

Atriz e Escritora Fernanda Quinderé

Por Angela Gutiérrez, em 3/9/13

O tema deste Ciclo – *Literatura e Outras Artes* – será aqui apresentado, sob vários aspectos, evidentemente sem pretensão de esgotar assunto tão extenso quanto complexo. A relação entre literatura e outras artes é muito antiga e, se considerarmos por exemplo, a que se deu entre literatura e música, podemos lembrar que os primeiros poetas, aedos, cantavam seus poemas ao som da lira.

Hoje, no ano centenário do nascimento de Vinicius de Moraes, Fernanda Maria Romero Quinderé, que construiu bela carreira no teatro, como atriz, diretora, autora, produtora e Diretora Artística do Theatro José de Alencar, distinguindo-se, ainda, como compositora e escritora, apresenta sua visão de Vinicius, a partir de vivências e de pesquisas sobre o grande Poeta que admitia ser chamado de poetinha.

A produção escrita de Fernanda Quinderé abrange, além de artigos em revistas e jornais, os livros: *Papo de Mulher, Mulher Azul, Padre Quinderé - O Apóstolo da Alegria, Calabouço Para os Reis, Bodas da Solidão - Um Olhar Azul Para Luiz Eça, Cordilheira do Fogo, Paurillo Barroso - O Imperador dos Sonhos*. Atualmente escreve seu primeiro romance: *Madame Rian, uma saga histórica da família de cinco mulheres*, ao mesmo tempo em que pesquisa a obra de Vinicius de Moraes para a escrita do livro 'Vinicius cheio de graças'.

Fernanda é membro da Academia Fortalezense de Letras e da Academia de Letras e Artes do Nordeste, da Associação Brasi-

leira dos Bibliófilos e sócia honorária da Sociedade Brasileira de Médicos e Escritores – Sobrames e já recebeu relevantes títulos e comendas, entre eles, a Medalha Boticário Ferreira, da Câmara Municipal de Fortaleza, o diploma de Mérito Cultural concedido pela Academia Cearense de Letras, e vários troféus relativos a seu mérito teatral: Troféu Carlos Câmara, Troféu Gasparina Germano, Troféu da Comédia Cearense, além de indicação ao prestigiado Troféu Mambembe por seu espetáculo “No Mundo dos Sons” (1986), entre outros. Artista múltipla, Fernanda faz cinema, lembremos sua participação no “Tangerine Girl”, filme baseado na obra homônima de Rachel de Queiroz; e é autora de seriado para a Televisão Mexicana e da peça infantil *No mundo dos Sons*, adaptação feita sobre o texto de seriado musical escrito em parceria com Luiz Eça. Assim, Fernanda é exemplo vivo da relação entre literatura e outras artes, tema deste Ciclo de Conferências. Passo a palavra à Fernanda, com a certeza do sucesso de sua *performance*.

Vinicius cheio de graças

Fernanda Quinderé

Vinicius, o poeta do incerto. Lírico. Livre. Ético. Ao descobrir a poesia entrelaçada à sua alma encontrou o caminho da liberdade e libertou o homem do obscurantismo e da ignorância como os grandes sábios que passaram nesta vida. Intenso. Com ele não havia esta historinha falsa e corriqueira de “cada um por si” encerrada sempre com o triste final da traição de um “adeus para todos”. Não, não. Na circunstância imposta de dar adeus aos amigos deixava seu coração amparado na concha das mãos dos seus. Emoção. Havia sim, abraços de alma e de coração com a profundidade dos românticos. Mágico. Mantinha intuitivamente a distância necessária da tal famosa e incômoda intelectualidade encerrada em torre de marfim.

Na solidão de seus passeios Socráticos, ou seja, na convivência com a inteligência dos que de fato a tinham entendeu que, só os verdadeiros mestres trabalham à beira do abismo. Desafio. Deixou-se naturalmente pleno como se tivesse sido feito somente para amar e ser amado.

Entendeu que não se pode ter paz evitando a vida e que ter algo mais, além do essencial é desnecessário. Nunca foi rico. Viveu bem. Teve descendência luxuosa. Generoso. Condenado aos mistérios da vida, com o passar dos anos, o poeta se deu conta que precisava de tempo para reflexão, para buscar o sentido da vida. Conviver com a memória e sentir-se mais confortável diante do seu dia-a-dia. Amor. Insano sentimento. Amar. Trágica compreensão. Dicotomia. A poesia na tragédia. A trágica poesia no seu íntimo.

Vinicius não teve temperamento glacial. Teve-o literalmente equatorial, herança e “dna” de seu avô materno o Coronel Santos Cruz, proprietário de muitos palmos de terra e de muitas casas nas cercanias do bairro da Gávea. Lá, o poeta nasceu em plena primavera carioca no dia 19 de outubro de 1913, no número 110, na Rua Lopes Quintas, perto da Rua dos Oitis e das Acácias, seu eterno refúgio, aonde veio a morar sua mãe no número 87. A rua atapetada de flores amarelas como ouro, adornava o chão e foi lá, que o menino deu seus primeiros passos e colheu seus primeiros sentimentos. Ao lado, a Chácara de seu avô cujas árvores davam sombras e frutos. Mangueiras, carambolas faziam a festa da família, que temia conviver com o temperamento daquele Coronel truculento, muito ciumento, capaz das mais intempestivas atitudes contra quem fosse para depois, em lágrimas de arrependimento, recolher-se. Certa vez, numa fúria incompreensível, jogou uma empregada pela janela da cozinha por ter sido malcriada com sua mulher.

Assim como nasceu, Vinicius morreu em 9 de julho de 1980, na Gávea à Rua Frederico Ayer, 169. Neste curto tempo

que esteve entre nós, o poeta morou em Itatiaia, Londres Oxford, Paris, Roma, Los Angeles, São Paulo, Petrópolis, Ouro Preto, Salvador, Montevidéu. De seus inúmeros e transitórios endereços sabe-se, entretanto, que o mais certo foi o Rio em diversos bairros e endereços.

À época, porém de produção do musical “Orfeu da Conceição”, Vinicius alugou dois andares de uma casa em estilo normando à Rua Henrique Dumont, 15 – tempo em que “Ipanema era só felicidade” e que Vinicius estava sempre alerta para “inventar de novo o amor”.

Hoje as casas já não existem mais. O Coronel, só na lembrança de poucos, mas Vinicius vive por inteiro na lembrança de muitos e em incontáveis corações pulsando neste mundo afora. Todos fazem escolhas na vida e Vinicius teve a certeza que o mais difícil é conviver com elas, mesmo sabendo que “*São demais os perigos desta vida para quem tem paixão*”.

A vida fez de Vinicius de Moraes um mito e, como mito não tem explicação, seus estudiosos tornam-se verdadeiros escafandristas à procura de elementos que os convençam a entendê-lo. Entretanto, para alegria geral da nação Viniciana, ele mesmo se encarregou de escrever em apenas uma frase, um detalhe biográfico em forma de autorretrato: “*Sou um homem triste com uma grande vocação para a alegria*”.

E concedeu muita alegria àqueles, que por perto lhe cercavam com amizade, outros por ouvi-lo mesmo à distância, expressando sua admiração através do calor das palmas, palmas, palmas.

Sem desconsiderar o fio tênue que o liga ao talento da Vó Neném (poeta ufanista), mãe de seu pai Clodoaldo Pereira da Silva de Moraes e da Vó Cestinha mãe de D. Lygia dos Santos Cruz (musicista) - ambas poetisas que lhe deram descendência luxuosa, o poeta valorizou e transpirou em sua própria essência um inesperado e exclusivo humor, sobretudo muito elegante, divertido,

cheio de graças herdado também e, possivelmente, de seus tios maternos boêmios e modinheiros. Um Vinicius jamais engraçado. Apenas de tantos sorrisos.

Vinicius foi uma figura feliz e autor de uma obra feita de delicadezas, finuras e refinamentos que resiste ao tempo e ao vento, como ele mesmo determinou numa canção escrita em parceria com Tom Jobim para “Orfeu da Conceição”, curiosamente via telefone interurbano Uruguai- Brasil. *”A felicidade é como a pluma que o vento vai levando pelo ar. Voar tão leve e tem a vida breve. Precisa que haja vento sem parar”.*

A mineirice poética de Carlos Drummond de Andrade considerou, o que se espalhou como um rastilho de pólvora: “Vinicius de Moraes foi o único poeta brasileiro que viveu como poeta”.

Vale lembrar. A frase de Drummond chamuscou o pensamento da urbe. Fortaleceu a ideia do mito. Os leitores do poetinha à procura de entendê-lo um pouquinho mais concluíram que ele arcou com compromissos de pensões, aluguéis e promissórias. Concluíram também que a obra dele não se limitou somente à poesia e canções. Há cartas, crônicas e canções que parecem uma desconstrução de seu lirismo habitual, marca reconhecida como pessoal e intransferível em toda a sua obra. Há gracejos, simplesmente. Ele pisava de leve, devagarzinho, cuidadoso, delicado e acima de tudo como poeta, isolado que foi do terreno das pilhérias, das anedotas e dos chistes. Percebe - se claramente seu humor e sua ironia na obra prima daquele saboroso recado sem versos, sem rima, para um certo Mr. Buster. *“Olha aqui Mr. Buster está certo que o senhor tenha um apartamento em Park Avenue e uma casa em Beverly Hills. Está muito certo que em seu apartamento de Park Avenue o senhor tenha um caco de friso do Parthenon e no quintal de sua casa em Hollywood um poço de petróleo trabalhando de dia para lhe dar dinheiro e de noite para lhe dar insônia...”*

Vinicius viveu entre a montanha e o mar divertindo-se na observação dos tipos e das personalidades à sua frente, encontrando nelas a poética do seu dia-a-dia.

Aos oito anos, por motivo de saúde de sua mãe mudou-se para a Ilha do Governador. Ao tempo de escola foi morar com seus avós maternos. Confessa sua fidelidade ao bairro de Botafogo, porque desde quando ainda menino dera seus passos entre as paralelas e transversais ruas estreitas que margeavam sua casa. Namorou em tantas ruas de adoráveis nomes de mulheres, presenteando-as com versos graciosos aqui em fragmentos: *Foi Teresa Guimarães/ Foi Carolina Machado/ Hilda tinha tanto fogo que eu fraco/ Sem poder mais/ Mudei para Botafogo meus caros sentimentos/ Minha Dona Marianal Que saudade da senhora.*

Com a curiosidade de descobrir a razão de seus desejos ficava horas absorto a mastigar uma borracha tipo “faber” lembrando a coxa macia da pele morena, lisa, compacta, quase dúctil da garota cafuzo de olhos amendoados.

Ao longo de sua curta vida repetiu: *Vida e poesia são inseparáveis.*

E justificou: *A poesia é amante espiritual do homem. É aquela com que ele trai a rotina do cotidiano*

Por tratar-se de um ser especial, educado sob a rigidez Inaciana Vinicius escreve e publica nos anos 20, o seu primeiro poema: “A Transfiguração da Montanha” com expressivo viés religioso.

Aos vinte anos, (vivendo segundo o evangelho de Otávio de Farias) lança seu primeiro livro: “O caminho para a distância” em seguida: “Forma e Exegese” e para fechar sua produção dos anos 30 (1936), lança: “Ariana a Mulher”- (cinco elegias).

Nesta época Vinicius cursa a Faculdade de Direito do Catete e convive com expressivas personalidades a exemplo de San Thiago Dantas, Otávio de Farias, Manuel Bandeira, Afrânio de

Mello Franco. Na sequência conhece Di Cavalcanti, Candido Portinari, Pablo Neruda, Jaime Ovalle, Pedro Nava (seu médico) Clementino Fraga (seu médico), Paulo Mendes Campos, Fernando Sabino, Rubem Braga, Dorival Caymmi, Fernando Lobo, Lúcio Rangel, Carlos Drummond de Andrade, Otto Lara Rezende, Antônio Maria – seus amigos até o fim da vida.

Em 1938 consegue bolsa e vai estudar literatura inglesa em Oxford. Casa-se e volta ao Brasil quando estoura a II Guerra Mundial. Com a responsabilidade de marido e pai de dois filhos, Vinicius consegue seu primeiro emprego como crítico de cinema. Em seguida faz concurso para o Itamaraty e vai morar em Los Angeles. Lá escreve a adaptação da ópera Orfeu do Gluck para o morro carioca. Nasce então, o musical “Orfeu da Conceição”, que determina seu encontro com Tom Jobim. Considerado desde então, o mais importante entre seus parceiros crônicos. Através desta parceria que virou filme adaptado e dirigido por Marcel Camus, Vinicius ganha a “Palma de Ouro” e “Oscar” de Melhor Filme Estrangeiro.

O fascínio pela composição e pelo showbiss cresce. Nasce “Garota de Ipanema”. A composição torna-se a mais gravada no mundo só perdendo para os “Beatles” que dominam o mercado com “Imagine”. “Garota de Ipanema” tem tradução para mais de oito idiomas. É eleita uma das 50 músicas do patrimônio universal pela Academia de Washington.

Os anos passam enquanto cresce o número de filhos e de casamentos, além de outros parceiros crônicos e anacrônicos. São benvindos Carlos Lyra, Baden Powell, Edu Lobo, Francis Hime e Toquinho, travando novos conhecimentos que enriquecem sua história de vida.

Vinicius, cassado de sua função diplomática pelo regime militar, época do AI-5, dedica-se então aos shows pelo mundo. Somente em 2010 é sancionada a lei 12.265 promovendo o poeta

a Ministro da Primeira Classe referente à Embaixador. Realiza-se cerimônia no Palácio do Itamaraty onde se inaugura sala com o nome do poeta.

Encerro esta palestra informando que o que escolhi para falar sobre o poeta é pouco diante do muito que nos legou na literatura poética, no modo livre de viver e de amar suas escolhidas, seus amigos, sua pátria.

Quando falo sobre Vinicius lembro Camões: Para tão longo amor, tão curta a vida!